

CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS DO SUDESTE DO PARÁ: ANÁLISE ESTRUTURAL E CONJUNTURAL

Gabriel Paixão Santana (Bolsista/Apresentador)¹ – Unifesspa

gabrielsantana@unifesspa.edu.br

Victor da Silva Oliveira (Coordenador(a) do Projeto)² - Unifesspa

victorsoliveira@unifesspa.edu.br

Agência Financiadora: CNPq

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Geografia Regional // Planejamento Urbano e Regional e Demografia

1. INTRODUÇÃO

Desde a colonização o Brasil ocupa lugar periférico dentro da economia mundial e da divisão internacional do trabalho, o que, mesmo após seu processo de industrialização e mais adiante de ‘modernização’, ainda perdura nos dias atuais. Condição que se perpetua não só em relação a escala global - países centrais/periféricos - como também, em escala regional/local – Brasil/Amazônia. O processo de ocupação da Amazônia, visava, em um primeiro momento, a integração nacional, no entanto, movido pela inserção do Brasil no sistema capitalista global do pós-Segunda Guerra Mundial, objetivava prioritariamente a produção de bens primários e a expansão da economia nacional como afirma Becker (1991).

Logo, no Brasil, a região Amazônica posiciona-se como cenário periférico dentro de uma economia também periférica, como analisou Carvalho (1999), fato que possibilita a compressão das dinâmicas do capitalismo a partir da sua vinculação direta com o mercado internacional e com a macroeconomia nacional. Na Amazônia, a exploração de bens primários é marca de vários ciclos econômicos, como da borracha e da extração mineral do ouro, demonstrando a relevância natural e econômica dessa região para economia nacional, tanto preteritamente, como na atualidade.

Atualmente, o Sudeste do Pará encontra-se como uma das principais sub-regiões da Amazônia, isso em função da sua dinâmica econômica intensificada com a inserção de novos agentes produtores para o mercado externo, como a pecuária e a agricultura mecanizada, além das já tradicionais cadeias da madeira e da exploração mineral. Conjuntura atual da região, no entanto, vem passando por modificações e carece de investigação a partir das bases estruturais que a fundam e a posicionam no cenário do mercado internacional, nacional e regional. Desse modo essa pesquisa propôs compreender o processo produtivo da região Sudeste do Pará a partir da sua estrutura econômica dependente e das transformações recentes advindas do surgimento, fortalecimento enfraquecimento de segmentos produtivos.

2. MATERIAS E MÉTODOS

O ponto de partida da pesquisa é a definição do marco teórico-metodológico utilizado na investigação do arranjo e das transformações produtivas no Sudeste do Pará pela matriz do estruturalismo histórico latino-americano. A seleção do presente método epistêmico e metodológico expressa as orientações que embasam a pesquisa. Deve-se, desse modo, reconhecer os limites dessa abordagem, seja pela própria seleção prévia de alguns segmentos da teoria estruturalista, seja em função de sua própria *episteme*, elementos retomados ao final desse texto junto a questionamentos a serem perseguidos.

De acordo com Missio e Jayme Jr. (2015), o estruturalismo, enquanto abordagem teórica e metodológica, afasta-se de prerrogativas empiristas e positivistas, com vistas a desvendar as estruturas do funcionamento de um determinado fenômeno e as relações que dão coesão aos mesmos. Desse modo, a percepção holística se sobressai a elementos individuais que compõe o fenômeno. Transpondo tais reflexões para o pensamento econômico, é vã, de acordo com o pensamento estruturalista, a possibilidade de análise a

¹Graduando em Geografia pela Unifesspa. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq.

² Professor adjunto do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Estudos do Trópico Úmido da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – IETU/UNIFESSPA.

partir de prerrogativas ortodoxas que se caracterizam por considerar unidades de forma isoladas ou com parca inter-relação. Em uma economia integrada, é prerrogativa analítica a investigação sobre os processos que mutuamente constituem o desenvolvimento e o subdesenvolvimento e as suas formas de relação, propriamente o motor da sua constituição. A definição do marco teórico-metodológico da pesquisa sobre as bases do estruturalismo, contribui para uma compreensão da divisão do trabalho integrada as relações humanas, mas que visam prioritariamente uma análise e entendimento das dinâmicas produtivas nacionais e subnacionais, partindo de uma perspectiva centro X periferia, e fazendo uso de uma revisão histórico-bibliográfica e levantamento e sistematização de dados para se chegar ao objetivo proposto.

A primeira parte da pesquisa partiu de uma revisão histórico-bibliográfica, onde foi realizada a leitura de obras como; BECKER (1990), CARVALHO (1999), MISSIO, JAYME JR e OREIRO (2015), POCHMANN (2010), PORTO-GONÇALVES (2010), PREBISCH (1963), RODRIGUEZ (2009), BECKER e EGLER (1998) e LOBATO (2019). Das produções desses geógrafos e economistas foram extraídas concepções relevantes que nortearam o andamento da pesquisa, contribuindo para um levantamento histórico da região Amazônica, além da compressão dos fundamentos da teoria estruturalista e a importância das estruturas no funcionamento de um país em desenvolvimento.

O segundo momento da pesquisa consistiu no levantamento e sistematização de dados secundários de instituições oficiais. Foram coletadas informações do Ministério da Economia e Secretaria da Indústria, comércio exterior e serviços, com o objetivo de realizar uma análise de 2006/2018 do valor das exportações agregadas por setores produtivos - agricultura, pecuária, madeira, indústria extrativa e outros - e uma análise da variação indexada da balança comercial, com o objetivo comparativo de fazer uma relação entre o total de exportações e importações de bens e serviços do Sudeste do Pará, do Pará e do Brasil. No IBGE foi coletado dados de 2002/2016 do VAB real total indexado (valor base 2002) em R\$1.000. Percentual por setor e do Sudeste do Pará em relação ao Pará e ao Brasil em 2016 com a finalidade de analisar a relevância do VAB que cada setor da economia – agropecuária, indústria e serviços – acrescentou ao valor final de tudo que foi gerado na região sudeste do Pará com relação ao Brasil.

Para mais, foram realizadas análises comparativas dos percentuais de participação do VAB real e da população entre o Sudeste do Pará e o Brasil, tendo como fonte o IBGE 2016/2010, além de realizar uma investigação sobre o Percentual da população com 15 anos ou mais por renda. Em salário mínimo IBGE 2010, onde foram consideradas 274 atividades subclasse da CNAE 2.0, contemplando as atividades primárias como a extração mineral, criação de bovino para corte e o beneficiamento em atividades principais, como abate em frigoríficos e produção de cortes de madeira para construção. Ademais, foi realizada a coleta de dados no RAIS de 2006/2017 com o intuito de realizar uma análise da variação do emprego formal em quatro segmentos produtivos da região sudeste do Pará; agricultura, pecuária, madeira e extração mineral. Foi buscado o Índice de Progresso Social Amazônia 2018 dos 39 municípios da região sudeste do Pará, com o objetivo de analisar a partir de todas as informações coletadas anteriormente, o ranking do crescimento social e econômico dos municípios objetos de estudo da presente pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a chegada dos portugueses, no século XVI, até a transição para a sociedade urbano-industrial, em 1930, segundo Pochmann (2010), a sociedade agrária no Brasil operou como principal e quase exclusiva força interna no delineamento da produção nacional. Por mais de quatro séculos e aproximadamente duzentos anos após as primeiras experiências mundiais de desenvolvimento industrial, o padrão agrário exportador reinou na pauta econômica da política nacional, algo que, com roupagem distinta, persiste até os dias atuais, constituindo-se ainda em uma relação centro-periferia.

O território Amazônico sempre foi explorado ao longo dos anos, e visto como uma fonte de recursos naturais com o objetivo de abastecer uma demanda nacional e internacional sobretudo de ordem econômica, se caracterizando em um padrão econômico voltado para a atividade de exportação, e conquistando um lugar periférico diante as demais regiões do Brasil. O que se assemelha a posição do Brasil frente a economia-mundo capitalista e a produção de bens primários para a exportação. O Brasil, como produtor de bens primários, sempre esteve em uma posição periférica perante a economia mundial. Tal fator contribui diretamente nas dinâmicas que acontecem dentro do próprio país. Evidentemente, as transformações acontecidas no Brasil desde a sua colonização, o avanço da industrialização internacional e as grandes guerras ocorridas durante o século XX reforçariam um modo de produção dependente que persiste até os dias atuais, bem como os ciclos econômicos que ocorreram no país, como foi o caso da extração da borracha, que detinha uma grande relevância comercial e industrial, mas que, no entanto não serviu para o

desenvolvimento real da região, logo, ocorrendo apenas um crescimento para fora, evidenciando uma dependência histórica da região Amazônica no capitalismo nacional e internacional.

Sendo assim, através das concepções teóricas e com base nos levantamentos conjunturais da região amazônica a partir do estruturalismo, e buscando evidenciar o caráter centro-periferia, a inserção internacional e a absorção de mão-de-obra, foi possível constatar nas dinâmicas recentes um expressivo valor de exportação da região, quase US\$ 13 bilhões, o que correspondeu a 82,27% das exportações do Pará e 5,38% das exportações do Brasil em 2018, sendo o município de Parauapebas o terceiro município brasileiro com maior valor em exportações. Esse breve indicador denota a contínua atuação internacional da região como exportadora de bens primários. Tendo em vista a política econômica nacional de exportador de bens primários, retomada desde a década de 1990, a posição do Sudeste do Pará é estratégica na manutenção dos índices de exportação do Brasil, denotando uma vinculação da região com o mercado global dentro da lógica centro-periferia e passível de impactos decorrentes de flutuações do preço das commodities.

Tabela 01 – Valor das exportações agregadas por setores produtivos selecionados (US\$).

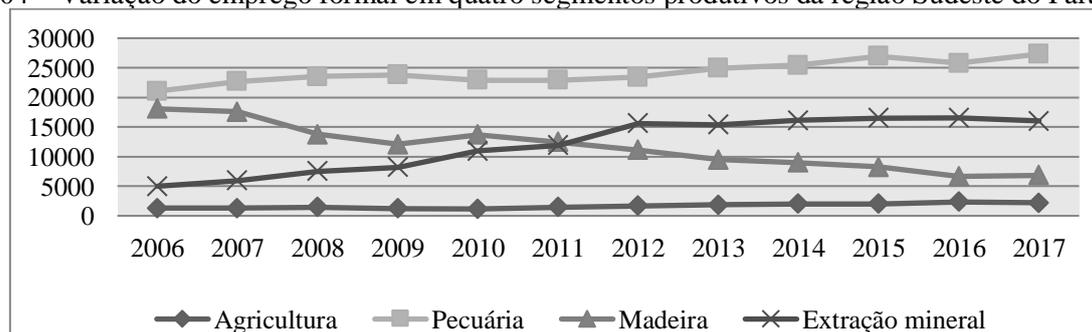
	2006	2010	2014	2018
Indústria extrativista	3.004.950.822	9.142.199.022	9.604.854.663	11.850.386.186
Pecuária	35.617.899	143.714.989	286.668.916	245.183.564
Agricultura	9.805.553	14.067.744	232.061.927	804.082.990
Madeira	59.929.402	19.675.977	3.875.053	14.334.750
Outros	275.949	1.433.332	208.909	177.831
Total	3.110.579.625	9.321.091.064	10.127.669.468	12.914.165.321

Fonte – Ministério da Economia. Secretaria da Indústria, comércio exterior e serviços. Organizado pelos autores (2019).

Outro ponto a ser tratado sobre as dinâmicas recentes consiste na análise da variação de emprego formal em quatro segmentos produtivos da região Sudeste do Pará. Nesse sentido podemos concluir acompanhando o indicador de exportação, que o número de empregos formais ligados a atividades do setor madeireiro caiu de 18.067, em 2006 para 6.874, em 2017, demonstrando o enfraquecimento do setor no Sudeste do Pará. Em paralelo, o setor da agricultura apresentou um leve crescimento, com números que oscilaram de 1.305, em 2006, para 2.211 em 2017. No entanto, ao comparar com os dados de exportação do setor, o crescimento do emprego no referido setor é modesto. Esse fato caracteriza o tipo de produção agrícola crescente na região: *commodities*, com elevado grau técnico empregado e baixa aderência de mão de obra.

Com relação semelhante à agricultura, a extração mineral também cresceu exponencialmente em seu valor exportado, no entanto, apesar do crescimento do emprego formal ser de 4.999 em 2006 para 15.985 em 2017, a curva de aumento não acompanhou a do valor produzido e exportado. Parte da explicação decorre do padrão de trabalho formal utilizado na extração mineral na região, com alto grau técnico empregado, fato que exige qualificação pouco existente na região. Por fim, a produção e o beneficiamento de proteína animal e de derivados obteve um crescimento do emprego formal de 21.053 em 2006 para 27.315 em 2017. Do mesmo modo que os demais setores considerados, a curva de crescimento do trabalho não acompanha o da exportação. No entanto, vale destacar que em números absolutos, o setor da pecuária tem os maiores indicadores de empregabilidade, visto que o beneficiamento do produto primário ocorre na própria região, em frigoríficos e curtumes que têm como padrão de emprego que não exige, de modo geral, qualificação especializada em grande escala, dialogando, assim, com o padrão populacional da região.

Figura 04 – Variação do emprego formal em quatro segmentos produtivos da região Sudeste do Pará.



Fonte – Relação Anual de Informações Sociais. Organizado pelos autores (2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta analítica com base no estruturalismo histórico direciona às possibilidades trazidas pela própria metodologia. A percepção particular da estrutura produtiva do Sudeste do Pará a partir da sua interligação com os movimentos centro-periferia da economia no mundo e do posicionamento político e econômico do Brasil possibilita, no entanto, algumas conclusões e, paralelamente, suscita novos questionamentos.

Buscou-se as raízes da estrutura dependente nos vários ciclos produtivos ocorridos na Amazônia e, em especial, no Sudeste do Pará, entre eles; extração madeireira, agricultura, pecuária e extração mineral. A conjuntura atual demonstra não só a continuidade, mas o seu aprofundamento e dependência com o mercado internacional, percebidos com a intensificação da produção de setores tradicionais da região no atendimento de demandas internacionais.

O padrão do emprego formal e da estrutura produtiva na região demonstra características típicas de economias periféricas: poucos segmentos voltados para o mercado externo, com especialização, indicadores de produtividade elevados, porém, com índices baixos de empregabilidade e distribuição dos excedentes produtivos. No entanto, entre os três segmentos principais identificados, um deles ganha destaque pelo índice de empregabilidade e, principalmente, pelo beneficiamento na região: a pecuária.

Assim como os outros setores produtivos da região, a cadeia da pecuária também possui como principal destino final o mercado externo. Porém, tal área diferencia-se pela transformação do produto primário da região, em frigoríficos e curtumes, principalmente impactando os índices de emprego formal do setor e distingue-se dos demais que, apesar de em 2017 gerarem divisas superiores para a economia nacional, pouco contribuem na distribuição de excedentes na região Sudeste do Pará de forma direta.

Há, ainda, portanto, necessidade de uma análise com maior índice de detalhes para a estrutura produtiva no que tange ao interior da região e dos próprios segmentos identificados nessa pesquisa de modo genérico. Ainda há necessidade de explorar a dinâmica regional para compreensão das mudanças conjunturais, cabendo investigar o peso do segmento ambiental nas atividades produtivas.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 2.^a Ed: Editora ática, 1991.

POCHMANN, M. **Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

MISSIO, F. J.; JAYME JR, F. G.; OREIRO, J. L. A tradição estruturalista em economia. In: **Revista Economia Política**. [online], São Paulo, V 35, n2, 2015.

CARVALHO, D. F. O ciclo da economia brasileira e Amazônia na dinâmica regional centro – Periferia. In: **Papers do Naea**. Belém, N. 120, mai. 1999.

BECKER, B. K. **Amazônia**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

PORTO GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PREBISCH, R. **Dinâmica do desenvolvimento latino-americano**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

RODRIGUEZ, O. **O estruturalismo latino-americano**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

. BECKER, B. K.; EGLER, C. A. G. **Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

LOBATO, M. M. A dinâmica na fronteira paraense e os territórios do capital: pecuária, extração madeireira e mineração. In: **Revista Formação (online)**, Presidente Prudente, v. 26, n. 47, jan-abril/2019.